



Reforma Curricular ou Pedido de Tempo para Reflexão

Ricardo Marques Dias

*Professor Titular de Pneumologia da
Universidade do Rio de Janeiro
Diretor da Escola de Medicina e Cirurgia
da Universidade do Rio de Janeiro*

O currículo é o conjunto de matérias que constitui um curso. É uma estrutura coerente que tem por objetivo a formação profissional. Habitualmente, com um conceito algo ultrapassado, temos o currículo mínimo, constituído pelas matérias obrigatórias da área, e o currículo pleno, que engloba, também, as que aprofundam ou complementam a formação do aluno, ligadas ou não à área específica. As matérias, por exemplo "Órgãos e Sistemas", são compostas de disciplinas, como "Pneumologia e Fisiologia". Portanto, dentro de uma mesma matéria, temos a Clínica Médica e todas as suas especialidades. Esta breve introdução faz-se necessária para a compreensão da desigualdade de poder existente no currículo, provocada por fatores externos à graduação. Com o passar do tempo, os condôminos mais poderosos tendem a adquirir vida própria, a expandir sua área de atuação e a incorporar novos conceitos de modo independente e desordenado, limitados apenas pelo número de períodos do Curso. Esta prática acaba por prejudicar o bom funcionamento do condomínio, aumentando a quantidade de informações e piorando o aprendizado. Por outro lado, não podemos admitir um currículo engessado, que não incorpore novos conhecimentos e todo o progresso. Assim como numa construção, o currículo sofre uma deterioração constante, pelo tempo, exigindo reparos, e, em situações

emergenciais, atitudes imediatas e até reformas, como no caso da AIDS. Portanto, o currículo deve ser avaliado e modificado constantemente e, para tal, deve ter sido concebido de modo flexível e crítico. Como em toda construção coletiva, há necessidade de ordem e de vigilância, que deve ser exercida por uma comissão multidisciplinar, independente do poder efêmero dos governantes. Quando falamos em reforma curricular podemos estar nos referindo a reparos ou a grandes reestruturações. Estas, provavelmente, se fazem necessárias, no momento, em razão da nova LDB e da revolução tecnológica no campo da informação. Mexer no currículo já é difícil, por envolver grandes interesses pessoais, reestruturá-lo é um grande jogo que envolve cobiça, poder, inveja, vaidade e traição. Construir neste jogo de forças é quase impossível. A estratégia é centrar a discussão nos alunos, razão e principal produto da Universidade. Devemos estabelecer o perfil, as habilidades e atitudes exigíveis ou esperadas de nosso formando e daí partir para a estrutura organizacional do currículo, criando barreiras defensivas para preservar as matérias ou disciplinas de menor poder político, mas igualmente importantes no contexto da formação. O currículo deve ter coerência horizontal, no período, e vertical, na matéria. Do mesmo modo, devemos estabelecer vertentes que possibilitem a estruturação do for-

mando, a partir do perfil, como o desenvolvimento do espírito crítico, que atualmente é raridade, justamente na época das verdades transitórias. Há um excesso de informações, não adequadamente processadas, que transforma o profissional ou o aluno em mero consumidor.

Face a tantas dificuldades apontadas, parece existir uma premeditação para justificar o fracasso, na construção do currículo ou nas relações entre pares, fundamentalmente na vida universitária. Esta é a impressão, mas não é o resultado. Apesar de todas as dificuldades, é ainda a Universidade que expõe e supera suas mazelas. O que há, na realidade, é um total descompasso, provocado, entre uma demanda central e a possibilidade dos efetores. Se a reforma curricular parece complexa, imaginem a sua gerência concomitante com os efeitos da Gratificação de Estímulo à Docência (GED), predadora natural da estrutura curricular; da necessidade de novo Estatuto e Regimentos, face à nova LDB; da entrada da Medicina no "provão", acompanhada das auditorias nas Escola e nos sofridos Hospitais Universitários;

da redução de recursos humanos e materiais e do resultado desastroso, para a maioria, da avaliação dos Cursos de Pós-Graduação. No caso da Medicina esta coincidência de exigências, justificadas em separado, mantém as Instituições acuadas, não pela falta de competência, mas pela premência do tempo. Alguma coisa mudou, vocês perceberam? Aqueles que não acreditam na mudança serão excluídos, os atuantes podem entrar em fadiga, por excesso de estímulos, mesmo porque as regras mudam, inviabilizando adaptações ou reparos.

E a Pneumologia? Vai mal! Se somarmos as horas dedicadas ao pulmão, em todas as disciplinas, teremos mais de 360 horas, sem contar o internato, só que, habitualmente, mal aproveitadas, sem priorização do prevalente e do relevante. Esta deve ser uma grande preocupação para todos nós, incluindo as Comissões de Ensino da Sociedade. Caso contrário, continuaremos a produzir "consensos", dirigidos aos clínicos, mas utilizados por especialistas sem discussão crítica dos aspectos questionáveis.

Informe
SBPT

Sociedade Brasileira de
Pneumologia e Fisiologia

Diretoria SBPT para o Biênio 1998-2000

A Sociedade Brasileira de Pneumologia e Fisiologia (SBPT) apresenta a composição da Diretoria para o Biênio 1998-2000, eleita no XXIX Congresso Brasileiro de Pneumologia e Fisiologia:

Presidente: *Dr. Francisco Elmano Marques de Sousa (RN)*

Vice-Presidente: *Dr. Luiz Carlos Corrêa da Silva (RS)*

Diretora de Divulgação: *Dra. Thaiz Helena Abraão Queluz (SP)*

Diretora Científica: *Dra. Margareth Maria Pretti Dalcolmo (RJ)*

Secretário-Geral: *Dr. Carlos Alberto de Assis Viegas (DF)*

Tesoureira: *Dra. Elizabeth Oliveira Rosa e Silva (DF)*

Secretário-Adjunto: *Dr. Nuno Fervereiro Ferreira Lima (DF)*